

“Uma história engenhosa como um pesadelo, sobre a frágil mente de dois jovens amantes. Meu tipo de livro!”

Charlie Kaufman, diretor de *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*

EU ESTOU
PENSANDO
EM ACABAR
COM TUDO

IAIN REID

FABRICA231

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Agradecimentos

Créditos

O Autor

~~Eu estou pensando em acabar com tudo,~~

Eu estou pensando em acabar com tudo.

Quando este pensamento chega, ele fica. Gruda. Perdura. Domina. Não há muito o que eu possa fazer. Confie em mim. Não vai embora. Fica lá, quer eu goste ou não. Está lá quando eu como. Quando vou me deitar. Está lá quando durmo. Está lá quando acordo. Está lá. Sempre.

Não tenho pensado nisso há muito tempo. A ideia é nova. Mas, ao mesmo tempo, parece velha. Quando começou? E se esse pensamento não foi concebido por mim, mas plantado em minha mente, pré-desenvolvido? Uma ideia não verbalizada é não original? Talvez eu tenha sabido desde sempre. Talvez fosse assim que isso sempre fosse terminar.

Jake, certa vez, disse:

– Às vezes um pensamento está mais próximo da verdade, da realidade, do que uma ação. Você pode dizer qualquer coisa, pode fazer qualquer coisa, mas não pode forjar um pensamento.

Não se pode forjar um pensamento. E é nisso que estou pensando.

Isso me preocupa. Realmente me preocupa. Talvez eu devesse saber como terminaria para nós. Talvez o fim estivesse escrito desde o início.

~~A estrada está praticamente vazia. Está silencioso por aqui.~~

A estrada está praticamente vazia. Está silencioso por aqui. Vago. Mais do que o esperado. Há muito para se ver, mas sem muita gente, sem muitos prédios ou casas. Céu. Árvores. Campos. Cercas. A estrada e seus acostamentos de cascalho.

– Quer parar para um café?

– Acho que estou bem – digo.

– Última chance que vamos ter antes de virar tudo fazenda.

Visito os pais de Jake pela primeira vez. Ou vou visitar quando chegarmos. Jake. Meu namorado. Ele não é meu namorado há muito tempo. É nossa primeira viagem juntos, nossa primeira viagem longa, então é estranho que eu esteja me sentindo nostálgica – sobre nosso relacionamento, sobre ele, sobre nós. Eu deveria estar empolgada, ansiosa pela primeira de muitas. Mas não estou. Nem um pouco.

– Sem café ou lanches para mim – digo novamente. – Quero ter fome para o jantar.

– Não acho que teremos a mesa típica esta noite. Minha mãe anda cansada.

– Mas não acha que ela vai se importar, certo? De eu estar indo?

– Não, ela vai ficar feliz. Ela está feliz. Meus velhos querem te conhecer.

– Só tem celeiros por aqui. Sério.

Vi mais deles nesta viagem do que vi em anos. Talvez em toda minha vida. Parecem todos iguais. Algumas vacas, alguns cavalos. Ovelhas. Campos. E celeiros. Um céu tão grande.

– Não tem luz nessas rodovias.

– Não tem tráfego o suficiente para garantir iluminação aqui – diz ele. – Sei que você notou.

– Deve ficar bem escuro de noite.

– Fica mesmo.

SINTO COMO SE CONHECESSE Jake há mais tempo do que conheço. Quanto tempo faz... um mês? Seis semanas, talvez sete? Eu deveria saber com exatidão. Vou dizer sete semanas. Temos uma verdadeira conexão,

uma ligação rara e intensa. Nunca vivi nada assim.

Eu viro em meu banco em direção a Jake, agarrando minha perna esquerda e trazendo-a para baixo de mim como uma almofada.

– Então, quanto você contou a eles sobre mim?

– Para meus pais? O suficiente – diz ele, e me dá uma rápida olhada. Gosto do olhar. Sorrio. Sou muito atraída por ele.

– O que contou a eles?

– Que conheci uma menina linda que bebe gim demais.

– Meus pais não sabem quem você é – digo.

Ele pensa que estou brincando, mas não estou. Eles não fazem ideia de que ele existe. Não contei a eles sobre Jake, nem mesmo que conheci alguém. Nada. Fico pensando que poderia dizer algo. Que tive diversas oportunidades. Só que nunca me senti segura o suficiente para dizer nada.

Jake parece que vai falar, mas muda de ideia. Ele se estica e liga o rádio. Só um pouco. A única música que conseguimos achar depois de muita procura vem de uma estação country. Coisa das antigas. Ele balança a cabeça com a faixa, cantarolando suavemente.

– Nunca ouvi você cantarolar antes – digo. – Você cantarola muito bem.

Acho que meus pais *nunca* vão saber sobre Jake, não agora, nem mesmo de forma retroativa. Enquanto dirigimos por uma estrada deserta no campo para a fazenda de seus pais, esse pensamento me deixa triste. Eu me sinto egoísta, autocentrada. Eu deveria contar meus pensamentos a Jake. Só que é muito difícil falar sobre isso. Quando eu trago essas dúvidas, não consigo voltar atrás.

Eu meio que decidi. Estou bem certa de que vou terminar. Isso tira a pressão de conhecer os pais dele. Estou curiosa para ver como eles são, mas agora também me sinto culpada. Estou certa de que ele acha que minha visita a sua família é um sinal de comprometimento, que o relacionamento está evoluindo.

Ele está sentado aqui, ao meu lado. No que pensa? Ele não tem ideia. Não vai ser fácil. Não quero magoá-lo.

– Como conhece essa música? E já não ouvimos? Duas vezes?

– É um clássico da música country e eu cresci numa fazenda. Sei por osmose.

Ele não confirma que já ouvimos a música duas vezes. Que tipo de rádio toca a mesma música seguidamente no intervalo de uma hora? Eu quase

não escuto mais rádio; talvez seja o que eles façam agora. Talvez seja normal. Eu não saberia. Ou talvez essas velhas músicas country soem todas iguais para mim.

POR QUE NÃO CONSIGO me lembrar de nada sobre minha última viagem de carro? Eu não conseguiria nem dizer quando foi. Olho pela janela, mas não estou olhando de verdade para nada. Só passando o tempo da forma que se faz num carro. Tudo passa mais rápido dentro de um carro.

O que é bem ruim. Jake me contou sobre a paisagem aqui. Ele adora. Diz que sente saudades sempre que está longe. Especialmente dos campos e do céu, disse. Sei que é bonito, pacífico. Mas é difícil dizer com o carro em movimento. Tento absorver o máximo que posso.

Dirigimos por uma propriedade deserta, apenas com o resto de uma casa de fazenda. Jake diz que se incendiou cerca de uma década atrás. Há um celeiro decrepito atrás da casa e um balanço montado no quintal da frente. Mas o balanço parece novo. Não velho e enferrujado, não gasto pelo tempo.

– Que há com esse balanço novo? – pergunto.

– Quê?

– Nessa fazenda queimada. Ninguém mais mora aí.

– Se estiver com frio, me avisa. Está com frio?

– Estou bem – respondo.

O vidro da janela está frio. Descanso minha cabeça nele. Posso sentir as vibrações do motor através do vidro, cada solavanco na estrada. Uma suave massagem no cérebro. É hipnótico.

Não digo a ele que estou tentando não pensar no Chamado. Não quero pensar no Chamado nem na mensagem. Não esta noite. Também não quero contar a Jake que estou evitando pegar meu reflexo na janela. É um dia sem espelhos, assim como o dia em que Jake e eu nos conhecemos. Esses são pensamentos que guardo só para mim.

Era noite de Perguntas e Respostas no pub do campus. A noite em que nos conhecemos. O pub do campus não é um lugar em que passo muito tempo. Não sou estudante. Não mais. Eu me sinto velha lá. Nunca comi no pub. A cerveja tem gosto de ferrugem.

Eu não esperava encontrar ninguém naquela noite. Estava sentada com minha amiga, mas não estávamos muito no clima de Perguntas e Respostas.

Estávamos dividindo uma jarra, conversando.

Acho que a razão pela qual minha amiga queria que nos encontrássemos no pub do campus era porque ela achava que eu podia encontrar um garoto lá. Ela não disse isso, mas é no que acredito que pensava. Jake e seus amigos estavam na mesa ao lado.

Perguntas e Respostas não são algo que me interessa. Não é que *não* seja divertido. Só não é minha praia. Eu prefiro ir para algum lugar menos intenso, ou ficar em casa. Cerveja em casa nunca tem gosto de ferrugem.

O time de conhecimentos gerais do Jake era chamado de Sobrancelhas de Brezhnev.

– Quem é Brezhnev? – perguntei a ele. Fazia muito barulho lá, e estávamos quase gritando um com o outro por cima da música. Conversávamos por alguns minutos.

– Foi um engenheiro soviético, trabalhava com metalurgia. Era da Estagnação. Tinha umas taturanas monstruosas como sobrancelha.

É disso que estou falando. O nome do time de Jake. Era para ser engraçado, mas também obscuro o suficiente para demonstrar conhecimento do Partido Soviético Comunista. Não sei por quê, mas esse é o tipo de coisa que me enlouquece.

Nomes de times são sempre assim. Ou, se não, são insinuações sexuais descaradas. Outro time era chamado de Meu Sofá se Desdobra e Eu Também! Disse a Jake que eu realmente não gostava de Perguntas e Respostas, não num lugar desses. Ele disse:

– Pode ser bem detalhista. É uma mistura estranha de competitividade velada com apatia.

Jake não é impressionante, não mesmo. É bonito principalmente pela irregularidade. Não foi o primeiro cara que notei naquela noite, mas era o mais interessante. Raramente sou tentada por uma beleza imaculada. Ele pareceu um pouco menos parte do grupo, como se tivesse sido arrastado para lá, como se o time dependesse de suas respostas. Eu me senti imediatamente atraída por ele.

Jake é longo, inclinado e desigual, com maçãs do rosto salientes. Meio magricelo. Gostei daquelas maçãs do rosto esqueléticas desde quando as vi pela primeira vez. Seus lábios carnudos e escuros compensam o visual subnutrido. Gordos, carnudos e colagênicos, especialmente o lábio inferior. Seu cabelo era curto e desgrenhado, e talvez mais comprido de um lado, ou

com textura diferente, como se ele tivesse penteados distintos em cada lado da cabeça. Seu cabelo não estava nem sujo nem recém-lavado.

Ele estava barbeado e usava óculos de armação fina e prateada, cuja haste direita ajustava de maneira displicente. Às vezes ele os empurrava para trás com o dedo indicador na ponte do nariz. Eu notava que ele tinha um tique: quando se concentrava em algo, cheirava as costas da mão, ou pelo menos a mantinha sob o nariz. É algo que ainda faz com frequência. Usava uma camiseta cinza lisa, acho, talvez azul, e jeans. A camiseta parecia ter sido lavada centenas de vezes. Ele piscava muito. Dava para ver que era tímido. Podíamos nos sentar lá a noite toda, um ao lado do outro, e ele não teria me dito uma palavra. Ele sorriu para mim uma vez, mas foi só isso. Se eu tivesse deixado por conta dele, nunca teríamos nos conhecido.

Dava para ver que ele não ia dizer nada, então falei primeiro:

– Vocês estão indo muito bem. – Foi a primeira coisa que eu disse a Jake.

Ele levantou o copo de cerveja.

– Estamos bem fortificados.

E foi isso. Gelo quebrado. Conversamos mais um pouco. Então, bem casualmente, ele disse:

– Sou um cruciverbalista.

Eu disse algo não comprometedor, tipo “hum” ou “é”. Eu não conhecia essa palavra.

Jake disse que queria que o nome de seu time fosse Solipsistas. Eu também não sabia o que essa palavra significava. E, inicialmente, pensei em fingir. Já dava para ver, apesar de sua cautela e reticência, que ele era exoticamente esperto. Não era agressivo de forma alguma. Não estava tentando me ganhar. Sem frases cafonas. Só estava curtindo conversar. Tive a impressão de que não era muito de namorar.

– Acho que não conheço essa palavra – eu disse. – Nem a outra. – Concluí que, como a maioria dos homens, ele provavelmente gostaria de me ensinar. Gostaria mais do que se achasse que eu já conhecia as palavras e tinha um vocabulário igualmente variado.

– Solipsista é essencialmente apenas outra maneira de dizer autocentrado ou individualista. É do latim *ipse*, que quer dizer “si próprio”.

Sei que essa parte soa pedante e palestrante e desestimulante, mas, pode acreditar, não foi. Não mesmo. Não vindo do Jake. Ele tinha um cavalheirismo, uma docilidade atraente, natural.

– Achei que seria um bom nome para nosso time, considerando que há muitos de nós, mas que não somos como nenhum outro. E porque jogamos sob um único nome de time, cria uma identidade de unidade. Desculpe, não sei se isso faz sentido, e definitivamente é entediante.

Nós dois rimos e parecia que estávamos sozinhos lá, juntos naquele pub. Eu bebi um pouco de cerveja. Jake era divertido, ou pelo menos tinha senso de humor. Eu ainda não acho que ele seja tão engraçado quanto eu. A maioria dos homens não é.

Mais tarde naquela noite ele disse:

– As pessoas não são muito engraçadas. Não de verdade. Ser engraçado é algo raro – ele disse como se soubesse exatamente o que eu pensava anteriormente.

– Não sei se isso é verdade – eu disse. Gostei de ouvir uma declaração tão definitiva sobre “pessoas”. Havia uma confiança profunda borbulhando sob seu verniz de contenção.

Quando pude ver que ele e seus colegas estavam prontos para partir, pensei em pedir o número dele ou dar a ele o meu. Queria desesperadamente, mas não conseguia. Não queria que ele se sentisse na obrigação de ligar. Queria que ele tivesse vontade de ligar, claro. Queria mesmo. Mas fiquei contando com a probabilidade de vê-lo por aí. Era uma cidade universitária, não uma cidade grande. Eu esbarraria nele. No fim das contas, não precisei esperar pelo acaso.

Ele deve ter enfiado um bilhete na minha bolsa quando deu boa-noite. Encontrei quando cheguei em casa.

Se eu tivesse seu número, poderíamos conversar, e eu te diria algo engraçado.

Ele escreveu o número dele no fim do bilhete.

Antes de ir para a cama, pesquisei *cruciverbalista*. Eu ri e acreditei nele.

Ainda não entendo. Como algo assim pôde acontecer?

– Ainda não entendo. Como algo assim pôde acontecer?

– Estamos todos chocados.

– Nada tão horrível assim já aconteceu por aqui.

– Não, não desse jeito.

– Em todos os anos em que trabalhei aqui.

– Acho que não.

– Não dormi na noite passada. Nem um piscar.

– Nem eu. Não fiquei confortável. Mal consigo comer. Você devia ter visto minha esposa quando contei a ela. Achei que fosse vomitar.

– Como ele pôde fazer isso, levar isso adiante? Não se faz isso do nada. Não dá.

– É assustador, é isso que é. Assustador e perturbador.

– Então você o conhecia? Eram próximos ou...?

– Não, não. Próximos, não. Acho que ninguém era próximo dele. Ele era um solitário. Era a natureza dele. Fechado em si mesmo. Reservado. Alguns o conheciam melhor. Mas... você sabe.

– Que loucura. Não parece real.

– É uma dessas coisas terríveis, mas infelizmente é bem real.